

## POÉTICAS DE RESISTÊNCIAS: GRAVURA, ANCESTRALIDADE E ESPIRITUALIDADE

MARIELA CARDOSO CORRÊA<sup>1</sup>;  
KELLY WENDT<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – marielacarcorr@gmail.com

<sup>3</sup> Universidade Federal de Pelotas – kelly.wendt@hotmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

A linguagem das técnicas gráficas, ao longo da história, desempenha um papel de denúncia, resistência e preservação da memória cultural. No contexto resistência, já que a prática artística se confronta com demandas ambientais buscando por alternativas sustentáveis. Este resumo reflete sobre dois trabalhos de minha produção poética. Da série Oferenda Sagrada. Abaixo, na figura 1: "Firmeza de Jurema" e na figura 2: "Firmeza de Iansã" desenvolvidas em xilogravura. De acordo com Herskovits (1986, p. 12), "xilogravura é o corte de uma imagem sobre madeira e o resultado de sua estampagem sobre papel ou outro material".



Figura1: Firmeza de Jurema  
Fonte: autoria própria (2025).



Figura2: Firmeza de Iansã  
Fonte: autoria própria (2025).

Propondo uma reflexão sobre o da xilogravura como suporte simbólico e político para a resistência religiosa, discutindo como a gravura pode se consolidar como suporte simbólico e estético para a resistência religiosa, em especial de matrizes afro-brasileiras, destacando o diálogo entre técnica, poética e contexto social.

A arte da gravura sempre foi um território fértil para a expressão de identidades, crenças e resistências. No Brasil, as religiões de matriz africana enfrentaram séculos de marginalização e apagamento, mas encontraram na produção artística um canal potente de afirmação cultural.

Ambos trabalhos, figura1 e figura2 revelam, por meio de elementos visuais e simbólicos, a força espiritual e ancestral que permeia a religiosidade afro-brasileira, destacando a mulher negra como figura central na preservação de tais tradições.

## 2. METODOLOGIA

As xilogravuras estruturam-se em três eixos fundamentais — espiritual, histórico e político —, permitindo que as obras expressem resistência e memória. A gravura, entendida como linguagem de contestação, funciona como veículo crítico e social, testemunhando a resistência espiritual e dando voz a narrativas historicamente silenciadas. Ao representar símbolos sagrados e figuras femininas negras, denuncia o apagamento cultural e reivindica espaço no imaginário coletivo.

A metodologia envolve: contextualização histórica, que situa a gravura como expressão crítica e de resistência; leitura poética e simbólica, destacando elementos da religiosidade afro-brasileira, como a espada-de-lansã e a figura feminina associada à Jurema; e aplicação técnica, com a xilogravura tradicional em *Firmeza de Jurema* e o chinê-colé em *Firmeza de lansã*, cuja colagem de papéis amplia texturas e reforça a valorização das raízes culturais marginalizadas.

Até recentemente, essas religiões eram proibidas e, por isso, duramente perseguidas por órgãos oficiais. Continuam a sofrer agressões e, hoje menos da polícia e mais de seus rivais pentecostais, e seguem sob forte preconceito, o mesmo preconceito que se volta contra os negros, independentemente de religião. Por tudo isso, é muito comum, mesmo atualmente, quando a liberdade de escolha religiosa já faz parte da vida brasileira, muitos seguidores das religiões afro-brasileiras ainda se declararem católicos, embora sempre haja uma boa parte que declara seguir a religião afro-brasileira que de fato professa. Isso faz com que as religiões afro-brasileiras apareçam subestimadas

nos censos oficiais do Brasil, em que o quesito religião só pode ser pesquisado de modo superficial. (PRANDI, 2004, p. 225).

A partir desta fala, podemos observar a contradição que permeia a história e a atualidade das religiões afro-brasileiras: embora constituam parte essencial da formação cultural do Brasil, elas foram sistematicamente perseguidas, criminalizadas e relegadas à marginalidade. A proibição histórica de suas práticas, somada à violência estatal e à estigmatização social, produziu uma herança de silenciamento que ainda hoje se manifesta em preconceito e intolerância. Mesmo após a consolidação formal da liberdade religiosa, observa-se que o racismo estrutural persiste, convertendo-se em novas formas de agressão.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A presente investigação demonstrou que a gravura, enquanto linguagem visual e técnica de reprodução, ultrapassa a dimensão estética e se constitui como instrumento de resistência, denúncia e afirmação identitária. Ao incorporar elementos simbólicos das religiões afro-brasileiras e inscrever corpos e narrativas historicamente marginalizados, a gravura contemporânea ocupa um espaço de disputa simbólica, tensionando as fronteiras entre arte, política e espiritualidade. Assim, a arte gráfica revela sua potência insurgente, capaz de interpelar o imaginário coletivo e reconfigurar sentidos de pertencimento.

Nesse contexto, a xilogravura desempenha papel central na articulação de discursos críticos e na afirmação de identidades silenciadas. As obras *Firmeza de Iansã* e *Firmeza de Jurema* evidenciam símbolos das religiões afro-brasileiras como formas de resistência cultural e espiritual, construindo narrativas visuais que confrontam o apagamento histórico e o preconceito religioso. A presença da mulher negra reforça a interseccionalidade entre raça, gênero e espiritualidade, evidenciando a centralidade desse corpo socialmente marginalizado.

Por ser técnica reprodutível, a xilogravura amplia a circulação de imagens e ideias, potencializando seu caráter de denúncia e conscientização. Os resultados indicam ainda uma ressignificação estética: traços marcados, contrastes intensos e a valorização do preto como cor de potência comunicam força, ancestralidade e resistência, recusando padrões eurocêtricos e afirmando identidade visual própria, enraizada na cultura ancestral.

Conclui-se que a gravura não apenas representa, mas intervém, provocando reflexão sobre sistemas de exclusão e modos de existência resistentes à normatividade. Ao integrar religiosidade popular e lutas sociais, a gravura contemporânea afirma-se como campo fértil para o ativismo visual.

#### 4. CONCLUSÕES

Os trabalhos realizados por mim, evidenciam que a gravura não apenas comunica, mas intervém na esfera social, desestabilizando narrativas hegemônicas e instaurando novas formas de ver, sentir e experienciar o mundo. A presença de figuras femininas negras, a incorporação de signos ritualísticos e a estética marcada por intensos jogos de contraste não se reduzem a escolhas formais, mas se constituem como estratégias discursivas de reivindicação de memória, ancestralidade e agência.

Nesse sentido, a gravura se afirma como linguagem insurgente, articulando saberes populares, espiritualidades subalternizadas e práticas artísticas em um gesto de enfrentamento ao epistemicídio promovido por estruturas coloniais e racistas. Tornando visível o que foi historicamente invisibilizado, contribuindo para a edificação de uma poética da resistência, em que o gesto estético se funde ao gesto político.

Portanto, a pesquisa reafirma a necessidade de compreender a gravura não apenas como técnica ou meio de reprodução, mas como território de enunciação crítica, no qual o gesto gráfico se converte em ato político. Essa perspectiva abre espaço para futuras pesquisas que aprofundem o diálogo entre arte e espiritualidade, entre estética e ética, e entre imagem e ação social, colocando a gravura no centro de uma reflexão mais ampla sobre o papel da produção artística na disputa por memórias, identidades e futuros possíveis.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**COSTELLA, Antonio F.** *Introdução à gravura e à sua história*. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2006 (2.<sup>a</sup> ed., original de 1984).

HERSKOVITS, Anico. *Xilogravura: arte e técnica*. Porto Alegre: Tchê! Editora Limitada, 1986.

PRANDI, Reginaldo. O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso. *Revista Estudos Avançados USP* 18 (52), 2004 RODRIGUES